



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Cine Nazaré: Um Cinema Vivo

Julia Ionele

Cine Nazaré: Um Cinema Vivo

INESP

Fortaleza - Ceará

2019

Copyright © 2019 by INESP

Coordenação Editorial

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia e Valquiria Moreira

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

Nathanael Filgueiras

Revisão

Julia Ionele, Ronaldo Salgado

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento

I64c Ionele, Julia.

Cine Nazaré: um cinema vivo / Julia Ionele. --
Fortaleza: INESP, 2019.
59p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-7973-149-5

1. Cinema, história. 2. Cine Nazaré, Fortaleza (CE), espaço cultural. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD791.43098131

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Av. Desembargador Moreira, 2807

Ed. Senador César Cals de Oliveira, 1º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

"Se você pudesse viver para sempre, pelo que você viveria?"

Stephenie Meyer - Crepúsculo

Este livro é dedicado às minhas mães, Mazé e Iêda, que foram as melhores professoras que tive, e aos meus pais, Edinaldo e Raimundo por me levarem ao colégio e segurarem a minha mão.

“Tenho amigos tão bonitos. Ninguém suspeita, mas sou uma pessoa muito rica. ”

Caio Fernando Abreu

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Mazé e Edinaldo, por terem investido na minha educação, acompanhando cada passo da minha vida estudantil, comemorando as minhas vitórias, sendo pais presentes nas reuniões escolares, amigos em todos os momentos e aceitando a minha decisão de abandonar a engenharia pelo jornalismo.

Aos meus pais, tios e padrinhos, Iêda e Raimundo, por ficarem ao lado da televisão e do rádio esperando as minhas reportagens e sonhando junto comigo.

A minha família Sousa e Soares por tanto amor para comigo, representado em forma de abraços, beijos e colo quando o cansaço batia.

Ao meu companheiro e fiel amigo de todos esses anos, Renan Bezerra, por insistir para que eu tentasse entrar na Faculdade de Jornalismo e por ter sido o primeiro a dar-me a notícia de que eu iria viver o meu maior sonho.

Agradeço aos meus companheiros e aos melhores amigos que a vida me trouxe, transformando em verdadeiros irmãos, Carolina Vasconcelos, Nirley Alves, Thales Gomes e Gregory Viana por terem feito o tempo de colégio a melhor fase da minha vida e por me emprestarem os livros e cadernos, sempre me aceitando na vida deles.

A Ariadna Sales, coordenadora do Colégio Deoclécio Ferro e amiga, por acreditar em mim e apostar que eu seria capaz, bem antes de qualquer pessoa.

A minha companheira fiel de toda a graduação, Ana Rute Ramires, por fazer dos corredores da UFC um local mais leve e feliz e por ser a melhor repórter que eu conheci.

Ao Filipe Pereira por ser um amigo tão querido e ter aceitado fotografar este livro com tanta sensibilidade e amor.

Agradeço a Aline Moura, Rafael Ayala e Liana Dodt, os quais, já formados em jornalismo pela UFC, entenderam a minha vontade e sede de querer fazer um jornalismo diferente.

Aos amigos que encontrei nos estágios e ambientes profissionais e que ajudaram a formar o meu perfil profissional, em especial, ao Vitor Oliveira, por ser a extensão do meu pensamento, a Yuza Carneiro, que me acolheu como uma irmã desde o primeiro dia e, hoje, é minha família, a Gislainy Mariano, por ser exemplo de foco e determinação, ao Aurimar Monteiro, que me ensinou quase tudo de assessoria e a Patrícia Arelano pelos bilhetinhos deixados na mesa e que tanto alegravam o meu dia.

A pessoa que me ensinou a cartilha de como superar os desafios profissionais e que hoje é o meu irmão, Laelton Alencar, pela paciência.

Ao time de professores e amigos que acompanharam a minha graduação e insistiram, incansavelmente, para que eu fizesse o melhor, em especial, ao Edgard Patrício, meu professor rigoroso, sempre exigindo de mim o meu melhor e fazendo-me acreditar em meu potencial, ainda aluna, e a Naiana Rodrigues por sempre me ouvir e dizer: "Tenta, Julia" .

Ao meu mestre, orientador, amigo e inspiração de toda a minha graduação, Ronaldo Salgado, por ressignificar, na minha vida, o sentido da palavra jornalismo e a forma de relacionar-me com o mundo.

Ao Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará, na pessoa do presidente, João Milton Miranda, pela forma que conduz o INESP e

pela sua sensibilidade em resgatar o nosso sonho de publicar o Cine Nazaré.

A Assembleia Legislativa, na pessoa do presidente, deputado Dr. José Sarto, por ser o meu ambiente profissional desde o final da graduação e por todos os amigos assessores, servidores e deputados que fazem a minha rotina ser de experiências ímpares.

Aos ventos de Sítios Novos, da Universidade de Granada, do Jornal Estadão, da TV Diário, da Enel Brasil, do Sistema Jangadeiro e da Assembleia Legislativa que me fizeram uma nova Julia, mais amadurecida, ao longo dos anos e mostrarem-me que os locais são partes de nossa história.

Agradeço, por fim, aos meus vizinhos e amigos, Sr. Vavá e dona Tereza (*in memoriam*), por terem aberto as suas vidas e suas portas, permitindo-me escrever as suas memórias. Muita gratidão a Deus, por ter colocado, em minha vida, pessoas tão amorosas que acompanham o meu crescimento pessoal, e, hoje, são parte da minha história.

APRESENTAÇÃO

Todas e quaisquer expressões artísticas representam a realidade social e incitam a reflexão e o diálogo sobre temas importantes, tais quais os problemas socioculturais de uma época. O cinema simboliza um espaço importante e retrata conflitos da vida cotidiana, além de estabelecer críticas estéticas e políticas, formatar percepções e questionamentos, acrescentando valor à vida dos cidadãos.

O livro-reportagem Cine Nazaré: um cinema vivo mescla jornalismo e literatura e conta a história de um dos cinemas mais tradicionais de Fortaleza. Colabora, sobremaneira, para a construção e preservação da memória coletiva da cidade, ação de grande interesse para o Parlamento.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), oferta à sociedade cearense esta publicação, que teve sua raiz na produção de um documentário sobre o Cine Nazaré, e objetiva repassar as histórias resgatadas, levando-nos a discutir questões morais, bem como contradições sociais.

Deputado Estadual José Sarto

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

Desde que os primeiros filmes surgiram, atuando como importante fonte de entretenimento e instrumento de comunicação, vemos as possibilidades de interação progredirem. O cinema transformou-se, então, numa poderosa ferramenta para instrução, conscientizando-nos sobre diversos aspectos.

O livro *Cine Nazaré: um cinema vivo*, da jornalista e escritora Julia Ionele, é dividido nos seguintes capítulos: *O surgimento do Cine Nazaré*, *A reabertura do Nazaré*, *Cine Nazaré é resistência* e *Cine Nazaré: o cinema que vive*. A obra fala-nos não somente da história do cinema, mas, indiretamente, da pluralidade dos comportamentos, das nossas crenças, da nossa arte e da nossa intelectualidade coletiva.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), orgulhosamente, oferta à sociedade cearense esta publicação que nos mostra a importância da produção cinematográfica para a tradução da realidade social de então.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

“Diferente dos filmes, na vida, a gente não pode voltar na
melhor parte.”

Autor desconhecido

PRÓLOGO

inda lembro quando o caminhão de mudança parou em frente a nossa nova casa. Eu tinha cinco anos, vinha chorando no colo da minha mãe por ter de sair da única casa em que a gente viveu. Mas papai tinha comprado essa nova casa na Rua Padre Graça e ali iríamos começar uma vida nova, mais próxima ao centro da cidade e da Avenida Bezerra de Menezes. Eu estava emburrada. Estávamos mudando-nos na véspera do Natal de 1999. Enquanto pessoas estavam arrumando suas casas, nós estávamos desmontando a nossa e colocando a nossa vida em caixas. O carro parou na porta da nova casa, e eu me recusava a olhar. Minha mãe disse: "*Chegamos!*"

Revirei o rosto para olhar a nova estrutura e li na parede: Cine Nazaré. O nome estava desbotado, eu, ainda muito criança, não sabia que cine era a abreviação de cinema. Com o passar dos anos, meu pai foi me explicando que ali, na frente da nossa casa, funcionara, há alguns anos, um dos cinemas mais tradicionais de Fortaleza. Em 1999, no local funcionava uma oficina de carros de nome São Pedro, o chão era manchado de graxa e nada atraente para visitantes. Aquele questionamento do que teria sido o Cine Nazaré me acompanhou durante anos da minha vida.

Sr. Vavá era o dono do cinema, amigo da minha família, sempre era receptivo e alegre. Todos os domingos, ele estava na missa das 5 horas da Igreja de Nossa Senhora das Dores, a mesma que eu frequentava. Logo ganhou a minha simpatia e amizade.

Um dia, quando eu tinha oito anos, chegou a notícia de que o Cine Nazaré iria reabrir. Eu fiquei muito feliz, em saber que, enfim, eu poderia conhecer o que era o Cine Nazaré. A fachada foi pintada, o chão foi limpo, as cadeiras foram recolocadas. Mas, no dia da inauguração, tamanha era a ansiedade, que eu adoeci e não pude participar, mas lembro em olhar, em pé, do portão, e ver o aglomerado de gente que se reuniu para prestigiar a reabertura do cinema. São vagas as memórias que tenho, são fragmentos perdidos, mas significativos.

Nas tardes de domingo, as sessões eram voltadas para o público infantil. Em um desses dias, eu fui convidada a participar da exibição do filme. Que alegria! Vi as crianças da rua reunidas naquela sala. Para a minha surpresa, era como um cinema de verdade: tinha poltronas e uma tela imensa de exibição, mas os filmes eram em preto e branco e, lá de cima, eu podia ver o Sr. Vavá reproduzindo o filme em uma máquina. Aquilo tudo era mágico e ficaria na minha cabeça por muitos anos.

O tempo que passou me aproximou ainda mais de Sr. Vavá e me fez admirar a forma de ele enxergar o mundo, os seus valores, a sua dignidade, a forma que conduzia a sua vida que considerava muito simples e bonita.

O Cine Nazaré, sempre, esteve aqui e eu passei a enxergá-lo como a extensão do meu lar. Morar na Vila Nazaré, aos fundos do cinema, me proporcionou entender a importância que aquele cinema representava para mim e a importância dele na construção da memória coletiva da cidade de Fortaleza. Ele é um pedaço não só de mim, mas vivo na memória de muitas pessoas.

Ao entrar na universidade e optar por fazer jornalismo, deparei com a disciplina de Cinema Brasileiro, ofertada pela querida professora Shirley Martins, ainda no se-

gundo semestre de graduação, com aula à noite. Mesmo cansada do dia, as aulas eram fascinantes. Todos os dias, a professora levava filmes antigos para que nós assistíssemos e o trabalho final do curso seria apresentar algo sobre cinema. Vi, na disciplina, a oportunidade de expor o Cine Nazaré para que mais pessoas pudessem conhecer e saber que, em Fortaleza, um cinema ainda resistia.

A equipe gravou um documentário sobre o Cine Nazaré, eu fui a entrevistadora. Sentada no chão do cinema, comecei a entrevistar Sr. Vavá. A cada relato que ele contava sobre a história daquele local, mais pertencente a ele, lágrimas caíam de meus olhos. Com o tempo, me senti responsável pela preservação da memória dele e do próprio cinema. O documentário foi um sucesso, a equipe tirou a nota máxima e eu tive a certeza, ainda no segundo semestre, de que o Cine Nazaré seria o meu objeto de estudo no final do curso.

Ao longo dos quatro anos de graduação, não mudei de objeto, ao contrário, quanto mais as disciplinas passavam, mais confiante eu ficava na minha escolha.

O desejo de transformar o Cine Nazaré em livro-reportagem veio depois de ver o trabalho de conclusão de curso, o livro "Auri, a anfitriã" da querida Aline que eu conheci antes de entrar na graduação. A escolha do formato veio antes mesmo do tema, eu vi aquele livro publicado em minhas mãos e veio o desejo de construir uma narrativa que fosse de grande interesse para resgatar uma memória.

A oportunidade de escrever um livro se reforçou, ao conhecer o meu professor Ronaldo Salgado, grande incentivador do jornalismo literário e orientador de grandes trabalhos, como o Cine Diogo – O Cinema Azul, da Liana Dodt, conhecê-lo ressignificou todo o valor do jornalismo literário que eu achava impossível que existisse nas mi-

nhas veias e me fez acreditar em mim, na minha memória e em vários âmbitos da minha vida.

A aluna que queria somente aparecer na TV, mudou os planos e se reinventou ao perceber que o jornalismo é repassar histórias e preservar memórias. Aprendeu que a entrevista possível e o diálogo possível são essenciais para a reconstrução do jornalismo, que vive um momento tão difícil na atual conjuntura do país e dos jornalistas que tentam sobreviver ao clima de pós-guerra.

Eu não queria apenas passar pela graduação, eu queria deixar para as pessoas uma boa história que elas pudessem passar adiante, eu queria mostrar a importância de fazer jornalismo para as pessoas e o Cine Nazaré foi a concretização do sonho de fazer um jornalismo comunitário.

O Cine Nazaré existe e, por isso a necessidade de retratá-lo, dando oportunidade para que as próximas gerações conheçam a história de um homem que lutou para que a história do Cinema não fosse perdida. O Cine Nazaré vive.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 - O SURGIMENTO DO CINE NAZARÉ	25
CAPÍTULO 2 - A REABERTURA DO NAZARÉ	31
CAPÍTULO 3 - CINE NAZARÉ É RESISTÊNCIA	39
CAPÍTULO 4 - CINE NAZARÉ: O CINEMA QUE VIVE	47
EPÍLOGO	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

“Escrevo porque encontro nisso um prazer que não consigo traduzir. Não sou pretenciosa. Escrevo para mim, para que eu sinta a minha alma falando (...)”

Clarice Lispector

INTRODUÇÃO

A importância de retratar o cinema, em Fortaleza, em décadas passadas e, em mostrar a recuperação da memória do antigo Cine Nazaré, localizado no bairro Otávio Bonfim, abriu um leque de possibilidades, nas construções de narrativas, mas o livro-reportagem, por ser gênero híbrido, ao mesclar jornalismo com literatura, deu-nos a maior liberdade para enriquecer a história com minuciosos detalhes.

A chegada do cinema falado, na capital cearense, é datada de 1930. Nesse período, a sociedade passava por mudanças decorrentes do avanço dos investimentos nas áreas de infraestrutura. A capital foi moldada, postes de iluminação foram instalados, os centros urbanos organizados, conjuntos de casas construídos. No período, surgiram os locais de lazer familiar, como praças, parques e cinemas.

As salas de cinema foram uma atração para a população. A diversão simples e acessível fez com que as pessoas passassem a frequentar, cada vez mais, o ambiente cinematográfico. Os cinemas mais conhecidos de Fortaleza, no período citado, eram o Cine Majestic (cinema aberto em 1917, por Plácido de Carvalho, no centro de Fortaleza), o Cine Moderno (cinema inaugurado em 1921, pelo grupo Luiz Severiano Ribeiro no centro da cidade) e Cine Polytheama (inaugurado em 1911, levantado no centro de Fortaleza, hoje, no local, está funcionando o Cine São Luiz), sem esquecer a presença de outras salas mais simples, como as presentes nas associações religiosas e leigas.

Nesse sentido, dentro de uma discussão histórica, localizada no tempo e no espaço, podemos nos ater ao conceito de cinema.

O cinema faz parte da cultura do fortalezense. Durante décadas, o cinema viveu o apogeu, mas com o avanço das novas tecnologias, a exemplo da televisão, e com outros locais de lazer, a partir dos anos 60, os fortalezenses foram perdendo o hábito de frequentar assiduamente as salas cinematográficas.

O avanço da desvalorização do cinema fortalezense reflete, não apenas em perdas audiovisuais, mas afetivas e identitárias. Por isso, a importância de recuperar o cinema como instrumento de identidade cultural. A reflexão sobre o cinema permite que a comunidade seja levada a pensar nele como espaço de resistência e memória.

Esse sentimento de valorização da identidade comunitária está presente no Cine Nazaré, o único cinema de rua no Ceará, que resiste até os dias atuais, mesmo com o avanço dos grandes shopping centers e dos Kinoplexs. O cinema, situado no bairro Otávio Bonfim, é um acervo vivo de obras e películas dos anos 30, 40 e 50 do século passado.

Nosso trabalho é mostrar como o Cine Nazaré resiste com os avanços de Fortaleza e dos novos locais de lazer. Além disso, a história do Cine Nazaré se confunde com a do fundador, Raimundo Carneiro de Araújo, o Sr. Vavá, e dos moradores que frequentavam o local e presenciaram as mudanças estruturais do cinema.

O livro está estruturado em quatro capítulos, cada um retratando diferentes fases da vida do cinema. O capítulo um, denominado "Nasce o Cine Nazaré", traz informações da construção do cinema e dos primeiros anos de funcionamento. O capítulo dois que recebe o nome "A reabertura do Nazaré" traz a segunda fase do cinema, no final dos anos 60 e a forma de organização dele. O terceiro, "Cine Nazaré é resistência", busca trazer a reabertura

do cinema nos anos 2000 e a nova forma de funcionamento. Já a última parte do livro, denominada "Cine Nazaré vive", procura trazer explicações do que será o Cine Nazaré nos próximos anos.

O livro busca retratar a vida e o trabalho de Raimundo Carneiro de Araújo, Sr. Vavá, que trabalhou durante anos para que a memória do cinema não fosse perdida.

Ao longo da obra, muitas curiosidades serão trazidas nas páginas: as fotos foram tiradas pelo estudante de jornalismo Filipe Pereira, que se envolveu junto à história do cine e se emocionou com ela. As fotografias foram feitas com autorização de Sr. Vavá e dos moradores, que gentilmente contribuíram para a escrita deste livro.

Ao final do livro, mais fotografias e recorte de matérias que foram veiculadas sobre o cine, os bastidores e a produção das entrevistas e o registro com os participantes.

O cinema está mais que vivo e a prova disso é o Cine Nazaré.

"Você precisa saber que o coração da gente tem de ser muito grande e caber tudo que a gente gosta."

Meu Pé de Laranja Lima – José Mauro de Vasconcelos

CAPÍTULO 1

O SURGIMENTO DO CINE NAZARÉ

Em frente à sumida Lagoa da Onça, na Rua Padre Graça, o número 65 é marcado de histórias. O Cine Nazaré abriu as portas em 1941. A decisão de abrir um cinema surgiu quando Hernestina Medeiros veio do Amazonas para cuidar da mãe, Aurora Medeiros, em estado terminal. Nessa época, a maioria dos bairros da cidade tinha um cinema. No bairro do Otávio Bonfim não era diferente: o Cine Familiar (fundado por Frei Leopoldo, em 1937, ao lado da Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Fortaleza) e o Cine Odeon (localizado na atual Avenida Bezerra de Menezes, no início dos anos 40, em Fortaleza) faziam a alegria da região.

Na volta de dona Hernestina ao Ceará junto ao marido, coronel Medeiros, a senhora já trazia na cabeça a ideia de abrir o cinema na Rua Padre Graça e os primeiros tijolos foram colocados no ano de 1940. O nome Cine Nazaré foi em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, padroeira do Pará. A ideia só veio a ser realizada no Ceará. O bairro

ganhou uma movimentação a mais, os vizinhos esperavam com alegria o novo espaço de diversão.

Em 1941, o Cine Nazaré estava pronto e começava a funcionar, mas dona Hernestina só o construiu. Sr. José Marcelino, antigo dono do Cine Odeon, assim que o cinema fechou, pediu a dona Hernestina para gerenciar o novo cinema do bairro e ela aceitou. A primeira gestão do Cine Nazaré era gerenciada pelo Sr. Marcelino e cuidada pelo Sr. Luiz*, um ajudante que foi contratado para organizar. Além disso, as filhas de Marcelino ajudavam na venda de ingressos, como Iêda Marcelino, já falecida.

O dia exato da estreia ninguém recorda, mas algumas pessoas lembram o filme que inaugurou: *O ladrão de Bagdad (filme britânico, de 1940, Michael Powell)*. E foi um verdadeiro sucesso! O filme, que iria passar apenas em uma sessão, foi obrigado a passar em duas. As pessoas ficaram em pé na porta do cinema esperando a sessão das nove terminar para assegurar os assentos. Nessa época, o cinema era dividido em duas partes: as cadeiras e a geral. As cadeiras eram o local onde o público era composto por altas autoridades, padres e pessoas com poder aquisitivo maior. Os trajes completos eram exigidos, não era permitido entrar de tamancos e chinelos. Já na geral, o público tinha de esperar pelo filme em pé em uma fila. O traje não poderia ser qualquer um, mas poderia ser menos refinado do que nas cadeiras.

No dia da estreia de *O ladrão de Bagdad*, a fila da geral dobrava o quarteirão, as pessoas começavam a encostar-se a um muro do cinema e o resultado: o muro caiu com o peso das pessoas se apoiando nele, mas em nada atrapalhou a exibição do filme e a segunda sessão.

O Cine Nazaré comportava, em média, 80 pessoas, mas geralmente nas exibições muitas pessoas a mais as-

sistiam aos filmes, em pé, nada diminuía a vontade de acompanhar os clássicos da época.

Os moradores da Rua Padre Graça tinham o cinema como referência. O bonde que passava, na rua, trazia o público para assistir às sessões, os frequentadores eram fiéis, o que rendeu um bom lucro para dona Hernestina e Sr. Marcelino. O Cine Familiar, apesar de concorrente, não conseguia diminuir os frequentadores do Cine Nazaré. Os vizinhos acreditavam que, pelo Cine Nazaré ser um cinema simples e pequeno em relação aos demais, ele conseguia trazer, em essência, aconchego e, por isso, a vizinhança cuidava dele como patrimônio do bairro.

O cinema tinha uma estrutura bem simples, nada de artigos de luxo, os bancos ainda eram de madeiras e o chão de cimento batido. Um dos episódios que agitavam o cinema era em dias de chuva, pelo relevo irregular e pela localização do cine em frente à Lagoa da Onça, que, na época, estava começando a ser aterrada. A água emanava no chão do cinema e os frequentadores tinham de assistir aos filmes com os pés levantados ou de cócoras nos bancos, o que era um verdadeiro motivo de algazarra. Quando o filme acabava, as pessoas saíam correndo para não se sujar com a água que emanava do chão.

O primeiro Cine Nazaré também foi palco de muitos amores no bairro. A moradora mais antiga da Rua Padre Graça, dona Tereza de Jesus, concedeu uma entrevista na casa dela, três meses antes de falecer. Ao relembrar o antigo cine, ela compartilhou que encontrou o grande amor da sua vida, Raimundo Silvestre Lima, em uma das idas ao cinema.

Raimundo morava na Vila Nazaré, conjunto de casas localizado atrás do cinema, e Tereza morava com dona Hernestina, madrinha dela, na Rua Padre Graça. Na admi-

nistração de José Marcelino, ninguém da família de dona Hernestina pagava entrada no cinema. Raimundo já havia trocado alguns olhares com Tereza, mas foi durante a exibição do filme *Para sempre em meu coração (norte-americano, de 1942)* que eles trocaram as primeiras palavras de um casamento que durou várias décadas:

“Eu disse que ia assistir ao filme livre e desimpedida como um pássaro cantando. O pessoal disse: ‘Cadê o namorado?’ Eu disse: ‘Vou arranjar é outro’. Fui assistir ao filme sozinha. A fila estava lá na esquina. Ele, o Raimundo, disse: ‘Vai assistir ao filme?’ Eu respondi: “Vou, mas vou pra casa”. Ele: ‘Vamos esperar que daqui a pouco fica livre...’”

(dona Tereza, em entrevista em outubro de 2016).

Dona Tereza não esperou e foi para casa. Mas o destino já tinha reservado o cinema como palco do romance que iria nascer. Durante a exibição de um filme com Carmem Miranda (*atriz brasileira que se projetou nos Estados Unidos nos anos 1939-40*), ela reencontrou Raimundo e assistiu ao filme em pé, ao lado do retroprojetor, para não sentar ao lado do único assento livre que era ao lado dele. Mas Raimundo já estava apaixonado e decidiu que ela seria a mulher com quem ele iria construir a família.

Em nossas entrevistas, dona Tereza falou que não casou na igreja, por não ser filha legítima de dona Aurora de Sousa Garcia, irmã de dona Hernestina, e, por isso, a igreja não aceitava que o casamento fosse concretizado. Mas o Cine Nazaré serviu de palco para o sim dela diante de Raimundo. Depois de casada, ela continuou a morar ao

lado do Cine Nazaré e a frequentar o cinema, como veremos adiante em nossa reportagem ou narrativa.

O cinema ficou aberto em pleno funcionamento até o ano de 1956, quando Sr. Marcelino veio a falecer e o prédio fechou as portas. Durante os anos em que ficou fechado, o prédio serviu para depósito de bananas e oficinas de consertos de cadeiras durante mais de dez anos.

Há poucas ruas, o Cine Familiar estava fechando as portas devido à onda de filmes pornográficos que estava em ascensão. Frei Ivan Carneiro (*da ordem dos Franciscanos, responsável pelo Cine Familiar*) foi quem veio com a missão de acabar com o cinema e demitir todos os funcionários.

Em paralelo a essas duas histórias, Raimundo Carneiro de Araújo, Sr. Vavá, funcionário do Cine Familiar, buscava, após o fechamento do cinema, um local para abrir um novo cinema e propagar a sétima arte. O personagem de nossa narrativa mudaria os rumos do cinema, no bairro, e seria um dos pioneiros na instalação de cinemas no Ceará e no País, longe dos holofotes e da fama e perto do povo, Sr. Vavá buscou reabrir o tão esperado Cine Nazaré.

“Parecia que o tempo não passava nunca. Mas, passou. O tempo sempre passa, essa é a única certeza que a gente tem.”

Caio Fernando Abreu

CAPÍTULO 2

A REABERTURA DO NAZARÉ

Em paralelo à história do Cine Nazaré, surge outra história que se cruzaria com a dele: é a trajetória de Raimundo Carneiro de Araújo, Sr. Vavá, que nos recebeu no Cine Nazaré, uma semana após completar 86 anos. Sr. Vavá, como ficou conhecido, é o primeiro filho do casal Luiz Teixeira de Araújo e Maria José Carneiro Damasceno, ambos já falecidos. A vida da família começou em Marco (município situado no noroeste do Ceará). Dona Maria José, que era funcionária dos Correios e Telégrafos (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos ou, simplesmente, Correios, é uma empresa pública federal responsável pela execução do sistema de envio e entrega de correspondências no Brasil), foi desligada das atividades, no ano de 1938 e veio tentar a vida com a família na capital cearense.

Em Fortaleza, a família já estava maior, o casal tinha tido mais dois filhos. A família veio morar no Jardim Japonês, atualmente, é o local na Avenida Bezerra de Menezes onde se encontra o Supermercado Assaí (atacadista brasileiro localizado na Avenida Bezerra de Menezes).

A primeira vez que Vavá viu cinema foi, em 1939, quando tinha nove anos, no Cine-teatro São José (localizado em Fortaleza, no Centro, na Praça do Seminário). Ele olhou pelas frestas da janela e se encantou com o que encontrou, com os movimentos que passavam na parede. Em seu relato, Sr. Vavá deixa presente a emoção, em lembrar aquele grande momento da sua vida, e deixa escapar entre os lábios: "Era uma coisa linda!"

Esse foi apenas o primeiro contato. Logo após o episódio, o menino Vavá foi matriculado no catecismo, na Igreja de Nossa Senhora das Dores (localizada no Bairro do Otávio Bonfim). No dia da primeira comunhão, a igreja ofertou uma festa para 100 crianças com direito à entrada gratuita para o cinema no complexo da igreja. Nesse local, funcionava um dos cines mais famosos da capital cearense, na década de 1930, o Cine Familiar (fundado por Frei Leopoldo, em 1937, ao lado da Igreja de Nossa Senhora das Dores). Sr. Vavá conta a emoção: "Eu fiquei achando que era um avião, coisa de outro mundo, mas eram pessoas se mexendo". Ao lembrar essa frase, fixei-me nos olhos de Sr. Vavá e eles estavam marejados, suas mãos já com marcas do tempo, alisaram os cabelos brancos, na entrada do Cine Nazaré, local onde acontecia a entrevista, o silêncio invadiu, provavelmente, eu e o Filipe (fotógrafo desta obra) deixamo-nos envolver por suas palavras e emocionamo-nos junto a ele.

Logo após chegar em Fortaleza, Vavá perdeu o pai. A situação financeira da família ficou ainda mais difícil com a ausência do patriarca e, por isso, o menino teve de trabalhar para ajudar a manter a família. O primeiro trabalho foi na oficina do marceneiro João Batista, Vavá era o responsável pelo conserto das tábuas do cinema. Naquela época, eram comuns estruturas de madeiras que continham o nome e a sinopse do filme. Quando o Cine Familiar man-

dava alguma para a oficina, era uma alegria só. Vavá aproveitava o conserto e ia deixar a estrutura propositalmente no horário da exibição do filme, dessa forma, ele não pagaria a entrada e poderia ficar para a sessão. Já não havia como esconder a paixão pela sétima arte e, então, ele foi convidado a fazer parte do time do Cine Familiar.

Era o ano de 1948, as primeiras atividades exercidas no Cine Familiar eram de limpeza e organização. Com o passar dos anos, Vavá foi adquirindo experiências e funções, passando a ser responsável pela troca dos filmes, pela revisão, por ser lanterninha (profissional que conduzia as pessoas que chegavam quando o filme já havia começado, iluminando os caminhos entre as poltronas) e chegando à gerência do Cine Familiar.

Durante o período em que estive à frente do Cine Familiar, Vavá também fazia alguns serviços para a igreja do bairro, como instalar o relógio no alto da torre, o qual funciona até hoje. Na semana da nossa entrevista, Sr. Vavá relatou que o relógio da igreja havia sido quebrado e nos contou sobre isso:

“Eu terminei essa semana o concerto do relógio. Sabia que quebraram o relógio da igreja? Fui eu quem montei esse relógio e agora, um menino lá inexperiente achou de quebrar as paredes, e a poeira caiu na graxa e esculhambou o relógio, eu passei quase um mês consertando o relógio. O relógio, graças a Deus, tá funcionando. O Frei Gilmar (Pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores), no domingo passado, me chamou no altar, ele sabia que era meu aniversário, ele tava tão emocionado que em vez de ele falar no relógio, que era a coisa principal, ele disse: ‘Esse homem é o homem que toma conta dos sinos’. Ontem, encontrei ele e dei um abraço e disse: “Quem era

para está emocionado era eu, porque em vez de você falar no relógio, você falou foi nos sinos, rapaz".

E caiu na risada, uma risada boa, leve, uma risada de quem já viu de quase tudo, nessa vida e que quer emprestar os olhos para que as pessoas enxerguem a sétima arte com o amor que ele enxerga.

Foi no período em que estava no Cine Familiar que Vavá começou o namoro com Maria Oliveira, jovem de classe média que morava no bairro. Um dia, Vavá estava consertando o som da igreja, a jovem Maria se aproximou dele e começou a puxar conversa. Naquele momento, começava uma história de amor que ele levaria por toda a vida, e o palco e local dos encontros seria a calçada do Cine Familiar.

Nos anos em que Vavá trabalhou no Cine Familiar, muitas oportunidades surgiram. Com a reforma do cinema, Frei Teodoro convidou Vavá a ir a São Paulo verificar se o novo maquinário do cinema estava pronto. A viagem durou mais de um dia de avião, mas, segundo ele, os esforços compensaram. Vavá viu de perto as máquinas de cinema serem produzidas, cada retroprojeter e com isso adquiriu mais experiência com os equipamentos técnicos cinematográficos. No retorno, foi recompensado: Frei Teodoro deu uma boa quantia de dinheiro necessária para comprar o vestido de noiva de Maria e os primeiros gastos com o casamento.

O casamento foi realizado, em 1955, aliás, o primeiro realizado na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Os convidados eram quase todos frequentadores do Cine Familiar e alimentavam simpatia pelo casal. Os presentes foram os mais variados, desde convites feitos na mesma máquina em que saíam os ingressos do cinema até artigos para cozinha e decoração.

Os anos transcorriam bem, o cinema dava muito lucro, os frequentadores eram assíduos. Na década de 50, o Cinema vivia o apogeu, mas a onda de filmes pornô começou a invadir as salas de projeção e, com isso, Frei Ivan Carneiro (da ordem dos Franciscanos, responsável pelo Cine Familiar) foi enviado com a missão de fechar as portas do Cine Familiar.

No princípio, Vavá acreditava que o cinema teria fechado as portas para passar por uma reformulação, mas percebeu que era devido ao avanço da pornochanchada (gênero de cinema brasileiro que mistura pornô com chanchada) que tornava inviável o funcionamento do cinema. Em 1960, o Cine Familiar fechou as portas.

Com o Cine Familiar fechado, Vavá não sabia com o que trabalhar. Já casado e com três filhas (Idalba, Inalba e Irisnalba) para manter, saiu procurando local onde poderia abrir um cinema. No interior do Estado, ele montou cinemas em Maranguape, o Cine Maranguape (na Região Metropolitana de Fortaleza), Russas (município localizado na região do Jaguaribe), Aracati (localizado no litoral), Limoeiro do Norte (na região do Jaguaribe) e até em outros estados, a exemplo de Tocantins, além de uma rede de cinemas no interior do Ceará.

O dinheiro da indenização do Cine Familiar estava acabando e Vavá precisava empregar logo em algum cinema. Depois de pedir aos freis para reabrir o Cine Familiar e tendo o pedido negado pela Ordem dos Franciscanos, Vavá teve a ideia de reabrir o Cine Nazaré.

O local parecia ideal para retomar as atividades, o nome iria permanecer o mesmo, para que as pessoas soubessem que o grande "Nazaré" iria reabrir as portas. As cadeiras do novo Cine Nazaré vieram do antigo Cine Maranguape: após um incêndio, o dono do cinema resolveu

vender as peças a baixos preços. Os aparelhos que passavam filmes de 16 milímetros vieram do antigo Cine Rex da Empresa Ribeiro, o chão era de cimento batido. Sr. Vavá, apenas, levantou um pouco para que a incidência da água não voltasse a incomodar os frequentadores. No Novo Cine Nazaré, cabiam 80 pessoas, mas a maioria assistia em pé à projeção dos filmes.

Nessa nova fase, todos da família e a vizinhança trabalhavam para que o funcionamento do cinema fosse completo. A esposa de Vavá, Maria, era a responsável pela venda dos bilhetes e por fiscalizar a censura; Idalba (Idalba Maria de Araújo, filha mais velha de Sr. Vavá) fazia o levantamento do arrecadado; Inalba (Inalba Maria de Araújo de Castro, filha do meio de Sr. Vavá) tomava conta da venda dos sorvetes e acompanhava o filme pelas frestas entre a porta; os vizinhos ajudavam; Paulinho, filho de dona Tereza, pintava as letras do cinema, as quais eram feitas com lata de óleo; e Fernando (filho mais velho de dona Tereza, hoje policial) era responsável por ir deixar os filmes que eram exibidos no Cine São Luiz para que a Empresa Ribeiro (Empresa de Luiz Severiano Ribeiro, inaugurada em 1920 e voltada para filmes e salas de exposições) pudesse passar em outro cinema.

Na frente do cinema, outra Maria* (Maria não teve seu nome completo lembrado por Sr. Vavá e pela vizinhança, mas trata-se de uma personagem que fez parte da história do cinema) era responsável por vender café aos que iriam frequentar o Cine Nazaré. Ela sempre trazia o fogareiro para que o café fosse servido quente.

Muitos filmes fizeram sucessos na segunda fase do Cine Nazaré, como Coração de Luto (filme brasileiro, dramático, de 1967), Hércules (filme da década de 1960, relata a história do semi-deus filho de Zeus), Ulisses (filme

Italiano de 1954) e um grande sucesso que foi reproduzido no Cine Nazaré: O Ébrio (filme brasileiro estrelado por Vicente Celestino em 1946).

Tudo parecia caminhar bem, os lucros eram suficientes para manter a família. Assim como no Cine Nazaré anterior, o Cine Nazaré, da década de 60, tinha a divisão de geral e das cadeiras. Diferente dos outros cinemas da região, o Cine Nazaré era considerado por Sr. Vavá um cinema humilde porque o público geralmente era do bairro ou advinha da periferia da cidade de Fortaleza. O valor da entrada não era alto se comparado com outros cinemas da cidade.

Alguns acontecimentos marcaram o cinema. Segundo relato de moradores da Rua Padre Graça, quando o filme arrebatava no meio da exibição, muitos vizinhos ficavam gritando pelos funcionários do cinema ou vaiavam a interrupção da película. Era aquele alvoroço e só muita paciência para restabelecer os ânimos.

Sr. Vavá conta que um dos grandes filmes exibidos foi 99 mulheres (filme norte-americano, de 1999, do diretor Jesus Franco), que foi reexibido no dia seguinte com o número três vezes maior do que o cinema comportava.

O cinema gerou bons lucros de 1968 a 1970. Porém, mais um tempo difícil chegou para o Cine Nazaré, a crise do cinema começou, no início da década de 70. Um dos motivos dessa crise foi que a Empresa Ribeiro, que controlou o Cine Nazaré por um breve período de tempo após Sr. Marcelino fechar, negou-se a fornecer filmes para que o Cine Nazaré continuasse funcionando, sob o controle do Sr. Vavá, que classificou essa atitude como o "Truste do Cinema", a tentativa do grupo Severiano Ribeiro monopolizar a indústria do cinema e fechar os pequenos cinemas de bairro.

Diante da tentativa de não mais mandar filmes para o Cine Nazaré, Sr. Vavá não recuou e recorreu à distribuidora de filmes de Recife, a Fama Filmes, que passou a fornecer filmes semanalmente para o Cine Nazaré. Um dos grandes sucessos da época foi Dio como ti amo (filme Italiano de 1966). Sr. Vavá aproveitou que o filme vinha de longe e foi, mais uma vez, em busca das cidades do interior do Estado do Ceará, para que o mesmo filme fosse exibido, em dias diferentes até retornar a Recife. Um mesmo filme passava de quinta a domingo em Russas, Aracati, Limoeiro, Crateús (município do Sertão do Ceará) até voltar para Recife.

O Cine Nazaré e a rede de cinemas do interior estavam dando certo, mas era o ano de 1973, período da ditadura militar, e o Cine Nazaré passou a ser alvo constante de visitas da polícia, da censura e de assédios morais aos frequentadores e às pessoas que trabalhavam lá. O cinema, que antes era objeto de diversão para a vizinhança, estava vivendo dificuldades financeiras. A pressão da polícia, no período da ditadura, e a censura levaram o Cine Nazaré a fechar as portas pela segunda vez.

"Chego a chorar, manso de tristeza. Depois levanto e de novo recomeço."

Clarice Lispector

CAPÍTULO 3

CINE NAZARÉ É RESISTÊNCIA

Depois do segundo fechamento, o Cine Nazaré foi equipado de nova forma: durante 35 anos, foi borracharia, posteriormente oficina "São Pedro", comandada pelo simpático Pedro Silva, e estacionamento de carros para os moradores da região. A memória do cinema passou 34 anos quase que totalmente esquecida. Algumas pessoas passavam em frente e viam o nome Cine Nazaré desbotado na parede; outras perguntavam se de fato teria sido um cinema. Os moradores mais antigos buscavam repassar as memórias. Mas era praticamente impossível saber se algum dia teria um novo cinema.

Nesses anos, as filhas do Sr. Vavá cresceram, ele se tornou avô, buscou novos ofícios para trabalhar. Os moradores, antes crianças que frequentavam e ajudavam na manutenção do cinema, também adquiriram novas responsabilidades. Nesse período, a esposa e companheira do Sr. Vavá, dona Maria, foi acometida por uma doença degenerativa, tornando-se cada vez mais dependente. Sr.

Vavá se dividia entre cuidar da memória do cinema e da família.

Em 2008, tempos marcados pela internet e pelos grandes Kinoplexs dentro dos shoppings, veio a vontade de reabrir o Cine Nazaré. O material estava empoeirado, mas intacto durante as três décadas que passou fechado. Nenhuma película havia sido desfeita. O incentivo vinha de grandes amigos e do pesquisador e jornalista cearense, Nirez. O material foi adquirido do fechamento de outros cinemas, como relembra Sr. Vavá:

“O Cine Rex fechou e eu comprei os dois aparelhos e guardei, eu comprei quando trabalhava no Cine Familiar, estavam à venda, baratinho, em 1960, como hoje, eu tenho dois aparelhos: um que me deram do Cine Center Um (*Cinema que funcionava dentro do shopping Center Um, na década de 1970*), eles fecharam o cinema e o gerente de lá não tinha onde botar e veio bater aqui. Eu arranjei um espaço e ele me trouxe. Eu já prometi de doar um para o Nirez e o outro vou usar quando for reinaugurar o Cinema para as pessoas verem.”

A saleta de cinema passou por uma reforma. Sr. Vavá investiu na pintura da frente, no retoque do nome, a sala de projeção ganhou novos carpetes, além dos retroprojetores da década de 1930, um aparelho de DVD novo e um videocassete. Ar-condicionado da década de 90 para aqueles que reclamavam do calor. Nesse novo cinema, não existia a distinção entre geral e cadeiras. Todos, independentemente da classe social, poderiam se acomodar nas poltronas.

Ao falar da reformulação para a abertura de 2008, Sr. Vavá contou-nos da ansiedade que antecedeu os dias, o misto de sentimentos que ainda sente em sua memória ao perceber que esse sonho poderia se tornar real mais uma

vez. As mãos passam pelos equipamentos do Cine, ratificando que o que ele fala é verdade. O Cinema pode voltar a funcionar.

Julia – Sr. Vavá, o cinema foi reaberto em 2008. De onde veio essa ideia? Ela já estava dentro do senhor há muito tempo?

Sr. Vavá – Eu comecei por incentivo. Eu tinha todo o material e o Nirez começou a me incentivar. Faz mais de dez anos que eu reabri essa sala de cinema.

O Cinema parecia novo, mas o desejo de reabri-lo era antigo. Sr. Vavá achou que era hora de o “velho Nazaré” abrir as portas. A notícia logo se espalhou no bairro. Seria loucura reabrir um cinema antigo? Alguns afirmaram que sim; os mais antigos se alegraram com a volta. Então, no dia marcado, as luzes da nova era do Nazaré se acenderam. Em março de 2008, o Cine Nazaré estava reabrindo as portas com o sucesso “O Ébrio”, filme de Gilda de Abreu, estrelado pelo ator e cantor brasileiro Vicente Celestino. Fotógrafos, jornais e curiosos estavam vendo o passado diante dos próprios olhos.

Na primeira sessão, o sucesso foi garantido, a sala estava completamente lotada. Alguns antigos frequentadores estavam presentes para assistir à sessão, como Nirez, José Alcir Mota e José Arraes, alguns dos nomes que Sr. Vavá relatou em nossa entrevista.

O dia da reabertura do Cine Nazaré foi um tanto conturbado. Sr. Vavá foi picado por um escorpião ao fazer os últimos ajustes para a reabertura. Por isso, passou as horas que antecederam o filme em hospitais, buscando medicamentos que aliviassem as dores. Foi, então, que, em casa, ele conseguiu o único método que fez parar de doer: gelo. Depois do susto, Sr. Vavá estava apto a participar da reabertura.

Foi no Cine Nazaré a primeira vez que eu vi um repórter segurando um microfone e em frente a uma câmera. Antes disso, só na televisão. Vi através dos espaços do portão o Sr. Vavá concedendo a entrevista de inauguração e aquela imagem ficou cravada na minha memória. A luz, a câmera e o cinema.

Nessa nova fase do Cine Nazaré, as sessões aconteciam às quartas-feiras e aos domingos. No início, era cobrado um valor fixo para a entrada, mas logo esse valor seria substituído por uma contribuição simbólica e de acordo com o bolso de cada frequentador. Assim, Sr. Vavá teria um controle maior dos frequentadores que fizessem baderna na hora da sessão e poderia convidá-los a se retirar.

Durante as primeiras sessões, muitas pessoas vinham de outros bairros para conhecer o Cine Nazaré. A repercussão, na mídia, ganhou adeptos. O letreiro antigo, na entrada, exibia os filmes que iriam passar e os horários. O público era o mais diversificado possível. As sessões de domingo, à tarde, eram voltadas para o público infantil.

Em nossa entrevista, Sr. Vavá se emocionou ao lembrar que, em uma tarde de domingo, um casal de turistas com dois filhos entrou no cinema e assistiu à sessão. Ao saírem, eles se despediram dele e pediram desculpas por não ficar até o final, mas estavam na cidade de passagem e teriam outro compromisso.

Julia – O cinema não deu certo...

Sr. Vavá – Não. Teve uma diminuição de frequência. O cinema era pago, tinha o ingresso e eu resolvi tirar o ingresso e aceitar contribuição. Aí, melhorou! Eu não tirava lucro. Começou porque vinha criança e o pai comprava o ingresso. Como o filme era antigo, ficava batendo nas cadeiras, criticando, conversando. A pessoa pagando o ingresso eu não poderia tirar, mas sendo gratuita eu pedia

para retirar-se, como fiz com vários. Se não paga, não tem direito. Eu tive uma verdadeira satisfação um dia: o filme estava passando e chegou um casal de outro Estado, com dois filhos, eles viram a porta aberta e entraram. Em determinado momento, o cara veio até onde estava e perguntou quanto era e eu disse que era gratuito. Ele tirou R\$ 20 reais e botou na urna e pediu desculpa porque não poderia ficar até o fim porque ia jantar com um amigo. Ele foi embora e, dez minutos depois, voltou. Ele voltou com refrigerante e uma merenda em uma embalagem e me deu. Eu achei aquilo tão nobre, tão importante pra mim. Eu nunca me esqueci disso e eu vou continuar da mesma maneira, vou passar os filmes e vou continuar.

Essa última reabertura foi breve, mas importante para despertar a curiosidade daqueles que queriam viver a sétima arte. Conta em seu relato:

Sr. Vavá – Eu fiz o cinema para arrecadar dinheiro, mas a frequência não foi boa porque os filmes não agradavam. Porque eram antigos. Mas hoje, o pessoal pede para passar os filmes, talvez como se o antigo estivesse na moda novamente.

Essa declaração foi feita durante a terceira entrevista do nosso livro. Ao falar do terceiro fechamento do Cine Nazaré, Sr. Vavá se emocionou. Na verdade, não teria como não se emocionar com uma história tão bem escrita de amor pelo cinema. Além disso, o desejo de que mais pessoas conhecessem o cinema antigo, o cinema mudo, o cinema preto e branco, o cinema, como ele mesmo descreve, humilde.

Por fatores financeiros, o Cine Nazaré não teria como se manter por muito tempo, mas durante o tempo que permaneceu aberto, nos anos 2000, muitos moradores se esforçaram para que o fechamento não acontecesse. De to-

das as formas, a abertura do cinema era significativa para a rua, para o bairro, para a cidade. Os jornais locais percebiam a significância do monumento histórico cultural e constantemente o Cine era usado como objeto de pautas dos jornais locais e dos blogs da cidade.

A fase do Cine Nazaré, de 2008, gerou muita expectativa em todos que acompanhavam a história do Cine da região, as transformações no espaço físico da região, ao entorno da Avenida Bezerra de Menezes, mudou drasticamente o cenário em que o cinema se encontrava. Se antes, na primeira e segunda fase do Cine Nazaré ele estava próximo às praças, fábricas e escolas. O segundo Cine Nazaré veio ao entorno de uma nova fase do modernismo da capital cearense. Na atual Avenida Bezerra de Menezes havia shoppings, postos de combustíveis, cinemas, comércio, playgrounds e outros pontos de diversão e lazer na região. A permanência do cinema passou a ser mais difícil nos anos 2000.

Outro ponto que Sr. Vavá classifica como dificultoso para o comparecimento no cinema é a falta de vagas para carros. Em frente ao Cine Nazaré cabem dois automóveis e, atualmente, a maioria das pessoas usa esse meio de transporte para se locomover, enquanto que em outras fases do Cine Nazaré, os visitantes vinham de bonde ou de bicicleta. As mudanças estruturais e logísticas da cidade tornaram ainda mais dificultosa à volta do Nazaré.

Outro aspecto que merece relevância é o aumento dos casos de violência na cidade de Fortaleza, apesar do Cine Nazaré está situado no Bairro do Otávio Bonfim, um bairro relativamente calmo em que muitas famílias residem ali e ainda mantêm o costume de sentar na calçada, no final da tarde, os números da violência cresceram pro-

gressivamente na capital. Muitas pessoas passaram a não frequentar o cinema por medo de assaltos.

As sessões, que passavam a noite, eram constantemente vagas. O Cinema estava recebendo poucas visitas, o investimento maior que o lucro, a vida seguia, dona Maria teve pioras que exigiam, ainda mais, a presença do marido dentro de casa. Sr. Vavá dedicou-se ao período em que a esposa estava acamada, dia após dia. O cinema que era uma boa distração para esquecer os problemas cotidianos teria que ficar para outra hora. O Cine Nazaré fechou as portas pela terceira vez. Ele explica:

"Não deu certo porque eu não quis entrar na linha dos cinemas comerciais, eu não quis entrar porque eu não quis que tivesse estacionamento, eu não quis exhibir os filmes que estavam passando no cinema comercial. Eu queria deixar registrado que eu tenho um acervo de dois mil filmes, disso aqui, de película de 16 mm que me deram, ia pro lixo."

O terceiro fechamento foi o mais breve, mas provavelmente o mais difícil. Manter todo o acervo reunido, ao longo dos anos, manter a memória do local e manter as responsabilidades do dia a dia. Não se sabe por quantos anos mais o Cine Nazaré permanecerá fechado fisicamente. Mas basta olhar para a expressão de Sr. Vavá durante a entrevista e observar o seu meio sorriso no canto da boca quando perguntamos da reabertura: "Quem viver verá".

"É o Crepúsculo de novo. Outro final."

Stephenie Meyer - Crepúsculo

CAPÍTULO 4

CINE NAZARÉ: O CINEMA QUE VIVE

O futuro do Cine Nazaré parece incerto para aqueles que passam pela Rua Padre Graça, no número 65. Nos últimos anos, muitas transformações ocorreram no bairro. As pessoas passaram a frequentar os Kinoplex dentro dos shoppings centers, novos meios de comunicação, avanço da internet, acesso ao acervo de filmes nas plataformas on-line, parecia que depois do fechamento de 2009, o Cine Nazaré não iria mais abrir as portas.

A situação favoreceu o pensamento, dona Maria, esposa de Sr. Vavá, teve o quadro agravado nos últimos anos, precisando de total dependência do marido. A família foi trabalhar em outros ramos e não demonstrava interesse em manter o cinema aberto. Novos ofícios surgiram.

Sr. Vavá é proprietário de algumas casas na Vila Nazaré e decidiu investir na atividade imobiliária e reconstruiu as instalações, além disso, em cima do Cine Nazaré, Sr. Vavá decidiu construir quartos pequenos para aluguel.

Uma nova vila ao lado do Cine Nazaré foi inaugurada, a vila Maria Pereira, em homenagem a esposa.

O prédio construído, na década de 40, ainda funciona como garagem para os moradores das casas. Além disso, nas duas entradas que eram da geral e das cadeiras funcionam duas oficinas: uma de conserto de sapatos alugada para o gentil e simpático Sr. Bené e a outra, onde o próprio Sr. Vavá faz consertos de eletrônicos e venda de produtos.

Durante o período de escrita desta obra, um dos quartos ao lado do Cine Nazaré foi incendiado. Foi uma correria para controlar o fogo antes que ele se espalhasse e causasse prejuízo ao acervo de Sr. Vavá.

Os vizinhos do antigo bairro foram desaparecendo, alguns fizeram a sua passagem, outros mudaram de casa, outros ainda se aglomeravam ao entorno do cinema. Durante o processo de entrevista sobre o Cine Nazaré, muitos moradores do bairro se solidarizaram com a escrita desta obra e pediam para perguntar ao Sr. Vavá sobre o futuro do patrimônio do Otávio Bonfim.

Entre tantas lacunas, fechamentos e histórias, Raimundo Carneiro, o querido Sr. Vavá faz uma revelação: O Cine Nazaré vai reabrir a qualquer momento.

Julia – O senhor acredita que o cine pode reabrir?

Sr. Vavá – Claro! Tá todo pronto. E acho que vai ser o único em Fortaleza gratuito. Eu trabalho porque sei montar, não paguei. Todo meu acervo eu comprei barato.

Julia – O que o Cine Nazaré representa para o senhor todos esses anos?

Sr. Vavá – Só um lazer. Não bebo, não fumo, não fareio, não tenho passeio. É um lazer. É meu único lazer: trabalhar e fazer cinema.

Sr. Vavá afirmou na entrevista que, assim que sua esposa tivesse uma melhora, o cinema iria reabrir suas portas. No meio do processo de escrita deste livro, dona Maria faleceu, no mesmo dia em que também faleceu dona Tereza, também personagem deste livro. Uma dor irreparável para Sr. Vavá. A rua ficou em silêncio. Se a tristeza tivesse rosto, ela estava personalizada no Cine Nazaré.

A autora desta obra passou três meses para conseguir retomar a história do Cine Nazaré. Muito difícil depois de meses de sorrisos, na escrita, saber que as pessoas que queriam ler o livro, como dona Tereza, não estariam mais aqui.

Por incentivo dos moradores, continuamos as entrevistas. Dias após o luto, os planos de reabrir o Cine Nazaré prosseguiram. Sr. Vavá abriu, mais uma vez, as portas do Cine para receber-nos e falou que o recomeço estaria próximo.

Acredita-se que a próxima reabertura ocorra até o próximo ano de 2020. A sala de cinema continua intacta, desde o último fechamento, apesar da poeira dos anos, nada saiu do lugar, nenhuma reforma foi feita. Os oitenta lugares estão vazios, mas prontos para receber os visitantes nessa nova era do Nazaré que está por vir. As sessões serão as quartas-feiras, às 16 horas, segundo o Sr. Vavá, para que os aposentados possam reviver os momentos bons da juventude.

Nessa nova fase, Sr. Vavá não estará visando o lucro, mas a satisfação pessoal. Todos os investimentos que tinham que serem feitos ao Cine Nazaré foram feitos. A alegria será a maior recompensa. A sessão será durante a semana para evitar a concorrência com os programas de auditórios da televisão brasileira no final de semana.

Ao saber da reabertura da nova fase do Cine Nazaré, dona Tereza ficou emocionada e descreveu:

Julia: Dona Tereza, o que o Cine Nazaré representou para bairro?

Dona Tereza: Muita coisa boa, muita alegria, muita satisfação, ajudou o bairro a crescer.

Se depender da vontade do Sr. Vavá continuar dando vida ao número 65 da Rua Padre Graça, muitas pessoas ainda irão conhecer os encantos da sétima arte e ter contato com obras já extintas do cinema brasileiro e mundial.

Durante a escrita desse livro, muitas pessoas me buscaram para acrescentar alguma informação a narrativa. O Cine Nazaré vive e não é somente em lembranças.

"Cine Nazaré nunca morrerá e faz parte de nossas vidas."

(Edinaldo Soares, morador da Vila Nazaré)

"Nunca ninguém ouviu falar coisa má, só coisas boas. De tristeza foi de uns anos para cá, de 1990 para cá, aqui era muito família."

(Maria Izabel Pereira Lima, moradora da Rua Padre Graça)

"A sensibilidade, os dons artísticos, a visão crítica, o não ao preconceito, o gosto pelas artes foi no dia a dia, em ser filha de um cinéfilo, no cinema ao assistir os mais diversificados filmes, ao ouvir os comentários e questionamentos do público ao término de cada sessão, ao observar e conviver sabendo que existia uma censura, esse misto todo me deixou marcas boas, ruins, um enorme aprendizado para a vida".

(Inalba Araújo, filha do Sr. Vavá)

A face do Sr. Vavá já não esconde o cansaço, um brilho de luz se acende automaticamente quando falamos em Cine Nazaré, o amor que esse homem guarda em caixas e no coração vai para além de todo um livro reportagem. Vai para a vida toda. A sua vontade de continuar a reproduzir seu cinema, em preto e branco, continua tão viva quanto antes. Nada mudou.

As limitações físicas trazidas pela idade já o impossibilitam de lavar o chão do cinema, com as próprias mãos, mas não o impedem de separar os próximos filmes que serão reproduzidos no Cine Nazaré. O letreiro continua fixado, na porta de entrada, desde a última sessão em 2008. Não será necessário retirá-lo. Em breve, um novo horário será afixado com uma nova data.

Ele não gosta de que as coisas fiquem sem respostas, ele sabe de cinema. Em uma entrevista, no ano de 2013, ele abriu as portas sobre a perspectiva do cinema nacional e lamentou a falta de investimento que o cinema nacional possui em relação aos grandes filmes internacionais. O desinteresse em desenvolver o cinema brasileiro leva-o a decadência:

“Essa história que vai dizer, que vão dizer que vão desenvolver o cinema nacional, não é verdade. Estamos atrás. Os filmes internacionais estão à frente.”

Perguntado sobre algumas curiosidades, ele não se importou em responder.

Julia – Um filme brasileiro?

Sr. Vavá – Um filme brasileiro seria *O Cangaceiro (filme brasileiro de 1953 escrito e dirigido por Lima Barreto)*.

Julia – E um ator?

Sr. Vavá – Um ator seria *Oscarito (Oscar Lorenzo Jacinto de la Imaculada Concepción Teresa Diaz foi um ator*

hispano-brasileiro, considerado um dos mais populares comicos do Brasil) o melhor que teve, de atriz não escapa ninguém, talvez as que fizeram nu.

Julia – E o Cine Nazaré?

Sr. Vavá – O Cine Nazaré vai se tornar um arquivo. Eu reinventei como comercial, mas como não vou seguir o padrão moderno, então, para aqueles que não vão ficar em casa vendo televisão, os jovens vão poder assistir.

Julia – E o cinema nos próprios anos?

Sr. Vavá – O cinema vai triunfar com essa nova era da digitalização. Você vai ver.

E com um forte abraço me despedi do Sr. Vavá e ele ficou a cuidar dos materiais do cinema que, em breve, será reaberto, um sonho que não é apenas dele, mas dos amantes da sétima arte que querem ter a oportunidade de reviver o Cine Paradiso do Nazaré.

A motivação do Cine Nazaré é e sempre foi romântica. A construção da memória do Cine Nazaré é um trabalho feito a muitas mãos. Está longe do fim, é apenas o começo. Quantas memórias? Quantas lembranças? Quantas histórias construídas e repercutidas no escurinho do Nazaré? E se ele não voltar, ele viveu o suficiente? São perguntas que não ficarão sem respostas. Ele Viverá. Ele vive.

EPÍLOGO

O processo de escrita dessa obra também foi de autoconhecimento, liberdade e renovação. A cada nova entrevista, um sorriso, uma lágrima, faces de um alguém que se tornava um novo eu a cada página escrita. O fim. O início do fim ou o fim do começo. Ainda não se sabe.

Laços que foram estreitados para que esse sonho de escrever o livro fosse possível. Pessoas. Encontros. Memórias. Resistência. Não tem quantidade de palavras que demonstrem como foi o último ano de escrita da memória do Cine Nazaré. Medo. Medo de não conseguir representar tanta gente em poucas páginas, tantos sorrisos, tantas histórias.

Como fazer algo que ninguém tivesse feito? Como o Cine Nazaré passou despercebido como objeto de pesquisa por quase 76 anos? Como fazer esta obra se tornar inesquecível para mim e para os que irão ler? Eram questionamentos que ficaram se perpetuando na minha mente ao longo das madrugadas. É um processo de uma vida inteira e não ter a chance de falhar e se tiver, a vontade de que isso não aconteça.

O processo de escrita foi marcado por tanto amor que meus vizinhos tinham por mim, que até então eu nunca tinha percebido, emoção a flor da pele a cada entrevista. Lágrimas com as partidas inesperadas das minhas amigas: dona Tereza e dona Maricota. Acidente envolvendo o Sr. Vavá na véspera do réveillon e aflição para que tudo ficasse bem.

E se não fosse o Cine Nazaré o que seria?! Essa foi à pergunta mais recorrente, ao longo dos quatro anos de graduação, mas não teria uma segunda opção possível, outra possibilidade, talvez, parto, mulher, feminicídio,

mas não seria a magia de escrever o Cine Nazaré com a alma.

E agora virão outros sonhos, outras histórias a serem escritas nas páginas da vida, algumas mais fáceis e prazerosas como escrever a história de Vavá e outras mais complexas que irão exigir mais tempo e disponibilidade.

Assim é a vida, assim, concluo esse trabalho, com a alegria e a motivação do primeiro dia de aula em que entrei na Universidade Federal, pronta para o mercado, pronta para (re)começar a vida.

Julia Ionele

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Edigar de. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC / Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980.

_____. ALMEIDA, Cláudio Aguiar. A Igreja Católica e o cinema: Vozes de Petrópolis, A Tela e o jornal A União entre 1907 e 1921. In: CAPELATO, Maria Helena... [et al.]. *História e cinema*. São Paulo: Alameda, 2007.

ARAÚJO, Vicente de Paula. *A Bela Época do cinema brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976

AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça: reminiscências*. Edições UFC, 1980.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. *Cidade na contramão. Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: PUC: Dissertação de Mestrado, 1996

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *A Força do Hábito: condutas transgressoras na Fortaleza remodelada (1900-1930)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado, 1997.

BELO, Eduardo. Livro-reportagem. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).

BENJAMIN, W. (2002). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: L. C. Lima (Org.). *Teoria da cultura de massa* (6. ed.). São Paulo: Paz e Terra, (Originalmente publicado em 1936).

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (7. ed.) São Paulo: Brasiliense, 1994 – (Obras escolhidas, v. 1).

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da (Orgs.).

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.) *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

_____. *Cinema brasileiro - propostas para uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Historiografia clássica do cinema brasileiro. Metodologia e Pedagogia*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

COSTA, Marcelo (org.). *Teatro na terra da luz*. Fortaleza: Edições UFC, 1985.

CUNHA, Maria Noélia Rodrigues da. *Praças de Fortaleza*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1990.

FERRARESI, Carla Miucci. *O cinema Hollywoodiano no processo de construção da "Civilidade Moderna"- São Paulo, 1920* – site: <http://mnemocine.com.br>

FERREIRA, Suzana Cristina de Souza. *Cinema carioca nos anos 30 e 40: os filmes musicais nas telas da cidade*. São Paulo: Annablume: Belo Horizonte: PPGH - UFMG, 2003.

GIRÃO, Raimundo. *A abolição no Ceará*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

GIRÃO Blanchad. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental de Fortaleza - província*. Fortaleza: ABC, 1997.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1997

GIRÃO, Blanchard. *Sessão das Quatro: Cenas e Atores de um Tempo Mais Feliz*. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

GUEDES, Mardônio. *O Meretrício em Fortaleza (1930-1940)*. In: SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (org.). *Gênero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, (Coleção História e Cotidiano).

HOLANDA, Firmino. *Orson Welles no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Anablume, 2003.

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 2004.

LEITE, Ary Bezerra. *A Tela Prateada*. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

LIMAVERDE, Narcélio. *Fortaleza Antiga*. Fortaleza: INESP, 2008.

LOPES, Marciano. *Royal Briar, a Fortaleza dos anos 40*. 3. ed., 1989.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas, SP: Papyrus, 1997 (Coleção Campo Imagético).

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Princípios).

MOURA, Aline; ALMEIDA, Bárbara. *Auri, a anfitriã - Memórias do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa*. Fortaleza, 2015.

NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. *Fortaleza de Ontem e de Hoje*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1991.

NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. *Cronologia Ilustrada de Fortaleza*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

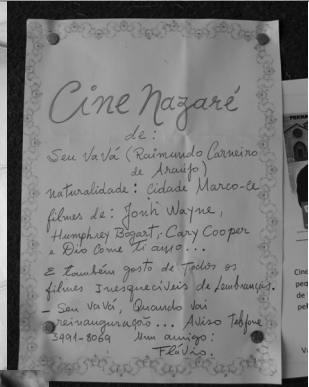
NOBRE, F. Silva. *O Ceará e o Cinema*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1989.

SANTOS, Lídia Noêmia. *Brotinhos e Seus Problemas: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da Década de 1950*. Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2011.

SITES

CAMPOS, Pedro Celso. Técnicas de entrevista. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 12 de jun. 2016.

DIÁRIO do Nordeste Online, Fortaleza, 01 mar. 2008. Nazaré-Paradíso. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/nazare-paradiso-1.615001>>. Acesso em: 12 jun. 2016.







62 - Cine Nazaré:

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfaldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!

**Mesa Diretora
2019-2020**

Deputado José Sarto
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Danniell Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Evandro Leitão
1º Secretário

Deputada Aderlânia Noronha
2ª Secretária

Deputada Patrícia Aguiar
3ª Secretária

Deputado Leonardo Pinheiro
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

**INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ**

Inesp

João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo

Gráfica do Inesp

Ernandes do Carmo

Coordenador

Rachel Garcia e Valquiria Moreira

Assistentes Editoriais

Luzia Rolim

Assessora de Comunicação

Cleomarcio Alves (Marcio), Edson Frota, Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni

Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

Lúcia Maria Jacó Rocha e Vânia Monteiro Soares Rios

Equipe de Revisão

Maria Marluce Studart Vieira, Marta Leda Miranda Bezerra e Milena

Saraiva Leão Vieira

Equipe Auxiliar de Revisão

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
Av. Desembargador Moreira 2807,
Dionísio Torres, CEP 60170-900, Fortaleza, Ceará,
Site: www.al.ce.gov.br
Fone: (85) 3277-2500